

MUSEU DA PESSOA



Museu da Pessoa

Uma história pode mudar seu jeito de ver o mundo.

Mulheres Empreendedoras Chevron (MEC)

Um lugar pra chamar de seu

História de [Jaqueline Cristina Ramos Tiago](#)

Autor: [Museu da Pessoa](#)

Publicado em 21/01/2013

Projeto Mulheres Empreendedoras Chevron
Depoimento de Jaqueline Cristina Tiago
Entrevistada por Júlia Wagner Pereira
Rio de Janeiro 24/05/2012
Realização Museu da Pessoa
Entrevista MEC_HV039
Transcrito por Liliâne Custódio / MW Transcrições (Mariana Wolff)
Revisado por Fernando Martins

P/1 – Primeiro a gente gostaria que você começasse falando pra gente o seu nome completo, o local de nascimento e a data.

R – Meu nome completo é Jaqueline Cristina Ramos Tiago, o local onde eu nasci é Albert Schweitzer, e a data de do meu aniversário é 20 de setembro de 1987.

P/1 – E sobre a sua família, seus pais, seu pai e mãe. O nome deles.

R – O nome da minha mãe é Sônia Cristina Ramos Tiago, meu pai é Roberto Xavier Tiago. E minha família é minha estrutura, a razão do meu viver.

P/1 – Você é filha única?

R – Não. Tenho mais dois irmãos.

P/1 – Seus pais nasceram no Rio de Janeiro? Eles são do Rio?

R – São do Rio.

P/1 – E seus avós?

R – Também.

P/1 – Também? E o nome dos seus avós?

R – Jacira Desidério, Moisés Ramos, os maternos. Os paternos são Nadir Xavier Tiago e Walter Tiago.

P/1 – E todos eles moram no Rio de Janeiro?

R – É. Todos são nascidos no Rio de Janeiro.

P/1 – Sobre a sua família, como era a vida? Seu pai trabalhava em quê? Sua mãe trabalhava em quê?

R – Minha mãe sempre foi do lar e meu pai sempre trabalhou como ajudante de caminhão, ajudante de obras. Hoje ele é ajudante de construção civil.

P/1 – Ele ainda tá trabalhando?

R – Tá.

P/1 – E seus avós trabalhavam em quê?

R – Meu avô foi mecânico do exército e minha avó sempre foi do lar também.

P/1 – E como você descreveria seu pai e sua mãe?

R – Meu pai, guerreiro. Minha mãe... Não tenho palavras pra falar da minha mãe. Minha mãe é super-heróina, considero-a a mulher do Bombril, mil e uma utilidades.

P/1 – Bom, e sobre a sua infância? Vamos falar um pouquinho. Onde você morou desde que você nasceu? Houve alguma mudança da família, de bairro?

R – Nenhuma. Minha infância foi toda aqui. Fui criada e nascida aqui em Realengo. Bem complicado falar da minha infância. Minha mãe e meu pai tiveram muitas brigas, então acabaram se separando aos 12 anos de idade, tive que ficar com meus irmãos, criar. Meu irmão, na época, tinha oito, minha irmã, quatro, que a diferença é de quatro anos de cada um. Era difícil, porque meu pai bebia, então todo final de semana tinha briga e meus irmãos então presenciavam tudo aquilo. Chegou certa época meu irmão ficou esquizofrênico. Foi isso. É difícil falar. E ela atormentou, foi muito maior, minha mãe não tava presente, acabou ficando com problema de saúde, ficou internada durante dois meses e nove dias, acabou amputando dois dedos do pé. Eu estudava, cuidava dos meus irmãos, da casa. Aos 16 anos fui trabalhar na Ilha Grande, comecei lá lavando louça e passei para ajudante de cozinha, depois de um tempo uma das cozinheiras foi ganhar neném e eu acabei ficando no lugar dela como uma das cozinheiras. E o problema do meu irmão foi se agravando, eu fiquei lá durante três anos e meio, quase quatro, tive que parar pra ajudar minha família a cuidar dele e fiquei durante um bom tempo. Tive que parar de estudar, não consegui terminar meu ensino médio e fiquei um bom tempo desempregada, e minha nova oportunidade foi o projeto da Chevron, que hoje é o Saborearte, que é minha razão de viver, depois da minha família.

P/1 – Você começou a estudar com que idade?

R – Comecei no jardim, aos quatro anos de idade. Dali eu fui com seis anos para outro colégio e com dez anos eu fui pra quarta série na Engenheiro João Thomé e aos meus 14, pra 15, fui para o Oswaldo Aranha no meu primeiro ano do ensino médio.

P/1 – Que recordações você tem da escola?

R – Boas e ruins. As boas são as amigas, as ruins alguns professores chatos, que pegavam mais no pé, mas tranquilo.

P/1 – E essas amigas? Fala um pouco delas pra gente.

R – Minha amiga de infância, hoje ela é uma das minhas sócias. Faz 15 anos, que é a Regiane, que é minha irmã. A irmã da mais velha, meses, que Deus não me deu. É a minha preta, é a razão do meu viver também.

P/1 – E o que vocês brincavam? Do que vocês brincavam?

R – Não, a gente não era muito de brincar, não. A gente era mais de conversar e compartilhar os namoricos.

P/1 – Jura? Como era isso?

R – Divertido.

P/1 – Mas me conta o que é compartilhar namorico?

R – Ah, um amigo mais bonitinho, ter que ficar com o mais feinho pra ajudar a outra. E guardar os segredos, não deixar ninguém saber, levar uma com a outra até o dia das nossas mortes.

P/1 – Então os primeiros namoradinhos foram junto com ela? Dividia tudo com ela?

R – Sempre. Até o dia de hoje. Hoje não tanto, porque hoje eu to casada, ela também. Mas sempre.

P/1 – Mas ela era sua amiga de colégio também?

R – Foi minha amiga no colégio, conheci-a no colégio, eu tinha dez anos de idade.

P/1 – Conheceu no colégio. E você se lembra de mais alguma coisa do colégio?

R – As brigas. Quando a gente batia muito nos outros.

P/1 – Você batia?

R – É. De vez em quando.

P/1 – Por que motivo?

R – Ah, às vezes eu não ia com a cara, às vezes falavam alguma coisa, aí eu não tinha paciência. Vim pra falar a verdade.

P/1 – E seus irmãos estudaram também no mesmo colégio?

R – Não. Minha irmã estudou no Costa do Marfim, meu irmão também. E hoje meu irmão chegou a ir para o Oswaldo Aranha, mas devido a esse problema de saúde dele, ele parou de estudar, e minha irmã ainda tá lá no Oswaldo Aranha.

P/1 – E você parou de estudar também.

R – Parei. Agora eu to sem tempo totalmente pra voltar, mas eu pretendo voltar, porque eu ainda tenho meu sonho pra cumprir, que é fazer a faculdade de Gastronomia.

P/1 – Você começou a trabalhar com quê?

R – Bom, trabalhar, trabalhar, assim, meu primeiro serviço mesmo foi lá na Iha Grande, assim, que eu posso dizer. Não assinou minha carteira, mas foi meu primeiro serviço. Antes disso era bico, como a gente diz aqui, fazia uma coisinha aqui, uma coisinha ali. Aí saí de lá, depois fui trabalhar num posto de gasolina da Esso, fiquei dois anos e alguma coisa, que eu não me recordo muito bem. Trabalhava de dez da noite às seis da manhã, minha mãe tinha sofrido princípio de AVC, aí tinha que chegar ainda arrumar a casa, cuidar dela, pra depois ir dormir, quando via já era hora de trabalhar. Chegou uma época que eu já tava parecendo um zumbi, então já não tava mais aguentando trabalhar, aí tive que parar pra ficar ocupada somente com ela.

P/1 – Com ela?

R – É.

P/1 – Conte-me mais um pouco dela.

R – Um pouco da minha mãe?

P/1 – É.

R – Minha mãe. Minha mãe é como eu, amiga, sincera, detesta falsidade, tira a roupa do corpo pra dar se preciso, mas se pisar no calo dela, é uma vez só, nunca mais. E minha mãe já passou por muitas coisas desde a infância dela até o dia de hoje, então é bem sofrida a história dela, complicado de falar, dói um pouco. Por isso eu digo que minha mãe é mil e uma utilidades.

P/1 – E o que mais sobre a sua infância você pode dividir com a gente? Algum caso especial, alguma brincadeira, alguma situação.

R – Minha infância, quando eu podia, era ficar ali na rua brincando de pipa, peão, bola de gude, brincadeira de menino, que eu nunca gostei de boneca. Pique bandeirinha, que minha mãe gostava muito. Vôlei, queimada, então reunia os amiguinhos no portão em frente à casa e ficava brincando muito. Mas marcante mesmo sempre foram as brigas da minha mãe e do meu pai devido ao vício dele, do álcool.

P/1 – E aí ele saía de casa?

R – Não, minha mãe.

P/1 – Sua mãe saía. E ela se mudou pra outro bairro?

R – Não, foi morar na mesma rua, só que sem tá com ele. Durante sete anos ficaram separados, nesses sete anos eu vi uma vez um Deus tremendo na nossa vida, Deus mudou um pouco o quadro, ele virou evangélico, acabou com o vício do meu irmão, hoje não bebe mais, é uma pessoa da igreja. Minha mãe, que não o queria nem pintado de ouro, quando foi 29 de fevereiro desse ano eles se casaram.

P/1 – Ah é?

R – Meu irmão, pra honra e glória do nome do Senhor, está curado. E é isso. O mover foi muito grande.

P/1 – Então agora seu pai e sua mãe estão juntos novamente?

R – Juntos novamente. Depois de sete anos, debaixo do mesmo teto.

P/1 – E como era Realengo naquela época? Você lembra?

R – Como não lembrar? É complicado, como todo lugar onde é, como vou dizer, dominado pelo tráfico, é difícil a convivência, porque você sai pra trabalhar, pode ser abordada no ponto por um traficante da comunidade ou por outro que está entrando. Como meu pai saía quatro horas da manhã, muitas vezes ele saiu debaixo de tiro, que o patrão não quer saber se tá tendo tiroteio ou não, ele quer saber que você tem que chegar no horário. Muitas vezes saía uma facção, voltava era outra. Isso tudo foi bem complicado. Sem contar que você ia à padaria, daqui a pouco você tinha que voltar correndo porque a bala tava comendo. Isso sempre foi complicado, hoje em dia tá tranquilo.

P/1 – Conta mais essa história de você e sua amiga dividirem e compartilharem as paqueras. Como era isso?

R – Como era? Era divertido. Sempre foi divertido. A gente ficou acho que dois anos sem se ver, porque ela tava namorando, acabou engravidando, tendo o primeiro filho dela, então a gente ficou um pouquinho afastada. Aí quando ela se separou, já tava no segundo filho, que é a minha afilhada, e a gente começou a sair novamente, curtir as baladas, beijar na boca, então sempre tinham essas trocas de favor.

P/1 – Pra onde vocês iam?

R – Ah, muitos lugares. Muita casa de show, a gente nunca curtiu baile em comunidade devido aos perigos, então realmente ia mais para a casa de show.

P/1 – Que tipo de show?

R – Baile funk, casa de show mesmo, boate. A gente curtia muito isso.

P/1 – Gostava de dançar?

R – Bastante. Até hoje.

P/1 – Até hoje?

R – Até hoje. De vez em quando a gente ainda faz isso. Hoje em dia é mais tranquilo. Hoje em dia a gente prefere ir a uma pizzaria, sentar, conversar, ou então vamos sentar, tomar um chope, relembrar as coisas do passado.

P/1 – Ah, vocês conversam hoje sobre o passado?

R – A gente dá umas boas risadas disso.

P/1 – Conta uma coisa, por exemplo, que vocês conversam e riem.

R – As coisas que a gente conversa aqui eu não posso falar não.

P/1 – Não?

R – Não posso. Deixe em off.

P/1 – Tá bom

R – É segredo de confessorário.

P/1 – E o seu primeiro namorado?

R – Meu primeiro namorado? Eu tinha dez anos de idade. Marcou. Ficou na minha vida durante dez anos também. Não gosto muito de namorar, não, demorei muito pra esquecer.

P/1 – Onde você o conheceu?

R – Na escola. Na quarta série, estudando na Engenheiro João Thomé. Dizem amor à primeira vista.

P/1 – Foi seu primeiro namorado?

R – Foi.

P/1 – E depois?

R – Depois dele?

P/1 – É. Namorou muito?

R – É. Bastante. Namorei em casa, mas fidelidade também não tinha, então acaba fazendo tudo por fora.

P/1 – Você chegou a morar com ele?

R – Não.

P/1 – Chegou a casar com ele ou não?

R – Casamento é o primeiro.

P/1 – Tá casada agora?

R – Seis meses. Vai fazer o mês que vem.

P/1 – Tá bom. E onde você conheceu seu marido?

R – Rodei, rodei, rodei, falei que nunca ia namorar um rapaz da mesma comunidade que eu, fui pra uma casa de show, o conheci dentro de uma casa de show e morando no mesmo lugar que eu, e amigo do meu pai, pra completar.

P/1 – É amigo do seu pai.

R – E eu não sabia. Nunca tinha visto.

P/1 – Mas e aí? Vocês se conheceram na casa de show, depois continuaram a se ver, conversar?

R – Conheci-o num sábado, fui vê-lo num domingo, na segunda-feira já tava namorando, foi tudo muito rápido. Então ao todo já tem um ano e quatro meses, todo.

P/1 – E como você o descreveria?

R – Mal-humorado, estressado, velho ranzinza, mas o amor da minha vida.

P/1 – Ele é mais velho que você?

R – Dez anos.

P/1 – Ele ainda continua trabalhando na casa? O que ele faz?

R – Não, ele tava curtindo também a casa de show.

P/1 – Ah, desculpa, pensei que ele trabalhava lá.

R – Não.

P/1 – E ele trabalha em quê?

R – Ele trabalha numa loja de torno.

P/1 – E hoje em dia o que vocês fazem? O programa do casal. O que vocês costumam fazer?

R – A gente hoje em dia é mais assim, aniversário de amigos, ficar em casa vendo uma televisão. Sair, a gente não é muito de sair não, porque ele é meio que rabugento pra essas coisas, não gosta de muita coisa que eu gosto. Inclusive no dia em que eu o conheci foi ironia do destino. Ele não suportava o lugar onde a gente tava, só que os amigos o arrastaram, aí acabou... Valeu à pena pra ele.

P/1 – E o que você gosta?

R – O que eu gosto?

P/1 – É.

R – Ah, de tudo um pouco.

P/1 – Por exemplo?

R – Sair, dançar, beber com as minhas amigas e beijar na boca. Tem coisa melhor? Não tem. Ter tem, mas não posso falar.

P/1 – E você frequenta a igreja?

R – Sou afastada.

P/1 – Afastada.

R – Sou da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, mas estou afastada.

P/1 – Há muito tempo que você se afastou?

R – Quatro anos.

P/1 – Por quê?

R – As provas foram ficando cada vez mais pesadas, a vontade do pecado foi batendo à porta, foi falando mais alto, a carne foi ficando fraca e eu acabei, como diz o pastor do meu pai, me lambuzando.

P/1 – Mas a sua família continua indo?

R – Meu pai. Minha mãe vai de vez em quando, mas meu pai é firme mesmo, todos os dias que tem culto ele tá lá, pode chegar cansado, estar com dor em algum canto, ele vai.

P/1 – Você é casada no civil?

R – Não. Amigada.

P/1 – Amigada.

P/1 – Houve alguma festa, algum evento pra comemorar? Fizeram alguma coisinha especial pra comemorar?

R – Não. Comemoração só eu e ele mesmo. Nenhuma mais.

P/1 – E vocês moram aqui em Realengo?

R – Moramos aqui mesmo.

P/1 – Como é a casa de vocês?

R – Pequenininha, mas jeitosinha. Começamos sem nada, hoje eu já tenho as minhas coisas. Ainda não tá do jeito que eu quero, mas tá melhor do que quando a gente entrou. De cem, vamos dizer, que tá 70%.

P/1 – E filhos?

R – Veio o primeiro, está com dois meses e três semanas.

P/1 – E era expectativa?

R – Não tava muito feliz, não, mas agora eu to me acostumando, me adaptando com a ideia. É o meu primeiro, o primeiro veio, ele tá curtindo bastante, eu to começando a me adaptar.

P/1 – Você comentou que veio da Ilha, trabalhou um tempo na Ilha, veio para ficar cuidando do seu irmão.

R – É. Ajudar minha mãe e meu pai.

P/1 – Ajudar sua mãe e seu pai na casa e aí ficou quanto tempo ajudando?

R – Bom, fiquei um período de um ano e pouco, aí foi quando eu comecei a trabalhar no posto à noite. E nesse meio período, quando eu tava com um ano e pouquinho, no aniversário da minha irmã, minha mãe acabou sofrendo o AVC. Aí eu a levei pra UPA e o médico disse que era só o sistema nervoso, deu um calmante pra ela, e ela não tava falando, disse que no dia seguinte ela voltaria a falar, que era normal. No outro dia ela acordou e a gente esperando ela falar, querendo falar, não conseguia, só chorava. Eu a levei pra emergência do hospital onde eu nasci, que é o Albert Schweitzer, e o que a doutora perguntou não foi muito bom, que a doutora me arrasou. Eu não sabia se eu chorava por ver minha mãe naquele estado ou do esculacho que eu ganhei da doutora, por saber que minha mãe é hipertensa e saber que eu teria que levá-la pra emergência e não pra cuidar de um resfriadinho, uma febrezinha, uma dorzinha qualquer, não pra levar uma pessoa hipertensa. Mas até então eu não sabia, mas ela não quis saber e acabou me dando um “esporro” assim mesmo, porque disse que seu eu não cuidar da minha mãe, quem iria cuidar? Então que eu tinha que ter um pouco mais de atenção devido a isso. Mas foi muito bom, foi um hospital maravilhoso. Hoje minha mãe voltou a falar, mas não fala mais como antes. Todas as palavras que tem “r” e “l”, como “cloro”, ela fala “colo”, “claro”, “calo”. Hoje você entende, mas não no correto. É muito difícil.

P/1 – E aí nesse tempo você tinha algum sonho naquele momento? O que você esperava da vida? O que você queria pra sua vida, com as coisas acontecendo, o que você estava planejando?

R – Ah, meu sonho sempre foi o mesmo, foi terminar meus estudos pra fazer minha faculdade de Gastronomia. O sonho de fazer uma faculdade de Gastronomia vem muito antes do Saborearte sonhar em existir. Porque eu sonhava em fazer minha faculdade e trabalhar num restaurante qualquer, não ter o meu próprio negócio.

P/1 – Você sempre gostou de cozinhar?

R – Sempre.

P/1 – O que você fazia?

R – Em casa sempre fazia mocotó, que meu pai gosta muito, lasanha. Depois eu fui trabalhar no Ilha Grande e acabei aprendendo um pouquinho de cada coisa. É bom.

P/1 – Qual o prato mais diferente que você já fez?

R – Prato diferente? Eu acho que nenhum. Todos são voltados pra culinária brasileira, todo mundo sempre prova, sempre pobre, não tem nada sofisticado, não.

P/1 – Como você conheceu o projeto?

R – Através do pastor do meu pai. No dia do aniversário do meu irmão, que coincide com o aniversário da minha melhor amiga, que é a de 15 anos a amizade, eu estava indo à casa dela dar feliz aniversário a ela e na época ela morava em frente a igreja do meu pai. Aí o pastor tava no portão, ele perguntou se eu queria me inscrever pra passar por uma seleção, pra abrir um empreendimento aqui. Eu tava desempregada, tava fazendo um curso, sempre gostei de fazer curso, aí peguei, fiz a inscrição, entreguei a ele, um belo dia eu fui chamada, aí fui à seleção e dali comecei a fazer o curso, tudo, montar o projeto pra poder hoje estar aqui.

P/1 – Você se lembra do seu primeiro dia no projeto?

R – No projeto Saborearte ou lá no início do curso?

P/1 – Lá no início do curso.

R – Lembro.

P/1 – Como foi?

R – Cheguei atrasada, dormi um pouco mais que a cama, estava a maioria das meninas que eu já conhecia e algumas que eu não conhecia. Se eu lembro bem, a primeira professora eu acho que foi a Cidinha, mas aí tava na apresentação, quem conhecia quem, quem não conhecia. Aí a gente foi, nos apresentamos, fomos falando quem conhecia e quem não conhecia. Foi normal. Foi bom.

P/1 – E depois, os cursos, como é que foi depois desses cursos?

R – Depois do curso veio a etapa mais complicada e a melhor, que era montar o Saborearte. Ver o espaço, ver a reforma, comprar tudo que ia precisar pra trabalhar, pra começar, pra inaugurar e colocar a mão na massa.

P/1 – E por que escolheu alimentação?

R – Porque de fome ninguém morre né, então uma coisa que não tinha dentro da comunidade na época, que era procurado, mas não se acha. E

por eu já gostar e dominar um pouco essa área, as meninas se sentiram, na época, seguras de abrir esse empreendimento.

P/1 – Quais foram as maiores dificuldades que vocês enfrentaram?

R – Dificuldade? Temperamento uma das outras. Muita mulher junta pensando diferente, falando a mesma língua, mas entendendo inglês, japonês. É complicado, mas fora isso... Tinha briga, mas aquela briga que você briga agora, daqui a pouco pede desculpa, tudo passa, daqui a pouco dá risada do que houve. Mas bom.

P/1 – E o nome Saborearte?

R – Saborearte é um trocadilho. Foi escolhido por uma das meninas que nem chegou a ficar totalmente, ela só trouxe, não chegou até aqui. Ela parou do nada e falou assim: “Pô, gente, a gente podia botar Saborearte” “Por quê?” “Ah, é um trocadilho, sabor de comer com a arte do fazer”. Aí todo mundo parou, falei assim: “Não tem muita lógica não, mas gostamos”. Aí acabou ficando Saborearte. É um trocadilho.

P/1 – Como eram as reuniões de vocês pra decisão das etapas, como vocês escolhiam e dividiam as tarefas?

R – No início, o fogão ficava comigo, a louça de segunda a sábado sempre revezava, era de duas em duas. Eu era a única que não lavava a louça no início, só ficava no fogão e elas me auxiliando, cortando, lavando as coisas, os alimentos. Depois de um tempo elas foram pegando segurança, eu fiquei com um probleminha de saúde, fiquei uns três dias afastada, quando eu voltei, elas já estavam dominando, de tanto ver fazer elas conseguiram. Não precisaram fechar o Saborearte e ficar dependente de mim, conseguiram dar prosseguimento aos a fazeres do dia-a-dia. Devido a isso foi fazendo um rodízio, todo mundo faz tudo, não fica só sobrecarregado pra uma, menos pra outra, ficou melhor, menos cansativo.

P/1 – E o local, como foi a escolha?

R – O local a gente procurou, mas não tinha achado, e uma das minhas ex-sócias tinha esse espaço aqui da mãe dela que tava vazio, aí ela deu a ideia, nós viemos ver. A mãe dela falou se a gente quisesse adaptar a gente poderia adaptar e acabou ficando aqui mesmo. A gente gostou do espaço, que era grande, que era bom, e acabamos ficando por aqui mesmo. Um ano e seis meses aqui.

P/1 – Um ano e seis meses. E o dia da inauguração, como foi?

R – Vinte e um de outubro de 2010? Acho que o melhor dia da vida de todo mundo que já passou pelo Saborearte. Foi emocionante, foi um dia feliz.

P/1 – E o dia anterior?

R – Nervosismo, faxina aqui até às duas da manhã, adiantamos tudo para o dia da inauguração. Foi cansativo o dia anterior, bem cansativo.

P/1 – Mas o que foi servido no dia da inauguração?

R – Feijoada. No dia da inauguração foi servido feijoada.

P/1 – E foi até que horas foi a inauguração?

R – Começou meio-dia e foi até às três.

P/1 – E o que esse projeto representa pra você, pra sua vida?

R – Pra minha vida? Hoje o Saborearte é o meu bem precioso, que eu cuido como se fosse a minha mãe. Que a gente cuida da nossa mãe, a gente sabe que um dia ela pode vir a nos faltar, como o Saborearte, ele passa por diversas fases, tem fase que tá ruim, tem fase que tá bom, tem fase que tá mais ou menos. Vou descrever o Saborearte como minha mãe, tiveram fases que ela já esteve bem ruim, tiveram fases que esteve mais ou menos e que hoje tá ótima, graças a Deus. Entendeu? É difícil trabalhar assim, mas eu não sei se é porque eu to na área que gosto, a cada dia que eu passo pelo portão, que venho trabalhar, eu tenho um incentivo maior, uma felicidade maior e aquele compromisso de fazer dar certo. Por mais que muitos digam que: “Ah, não vai pra frente, vocês não vão conseguir”. A minha força de vontade é maior do que qualquer coisa, de não desistir de fazer o Saborearte dar certo. Creio que não só minha vontade, como da minha sócia mais antiga e da sócia atual.

P/1 – E sua família apoiou o projeto? Incentivou-a? Ou ficaram preocupados, como foi?

R – Incentivar incentivou, mas quando o Saborearte passa pelas turbulências eles não acreditam, eles acham impossível: “Ah, é impossível você estar trabalhando e tem um mês que você não tem, só para as contas”. Entendeu? Aí acham que quando eu morava com minha mãe e com meu pai achavam que era mentira, que eu não queria ajudar em casa. Aí era complicado, gerava discussão, uma raivinha aqui, ficar sem falar dali, mas fora isso... Eles são mais de apoiar no canto deles, eles lá, eu aqui. Se falar: “Ah, meu pai já veio aqui”. Nenhuma vez.. Minha mãe vem, me perturba, só pra pedir dinheiro ou cigarro e vai embora.

P/1 – E o marido já veio.

R – Agora ele vem sempre, um dia sim, um dia não ele vem almoçar. Quando ele não vem almoçar, ele vem só perturbar, normal.

P/1 – E qual foi a reação da vizinhança, da comunidade quando vocês abriram o Saborearte?

R – Foi boa. Eles incentivaram bastante: “Pô, vocês fizeram uma coisa que aqui não tem. Pô, vai dar certo, gostei, que não sei o quê, tá bonito, tá show de bola”. Entendeu? “Corram atrás que vocês vão conseguir sim”. Tem as más línguas, mas a gente preferiu ouvir as boas. E as más é aquilo, quando você falar o que serve, você suga e guarda pra você, você acaba não absorvendo. Quando não serve, entra num ouvido e sai no outro. É o que a gente fez com as más línguas, entrou num ouvido, saiu no outro, só absorvemos coisas boas.

P/1 – E quem são os maiores clientes do Saborearte?

R – Hoje, hoje é misturado. Teve uma época que era mais a comunidade, aí passou. Teve uma época que era mais os policiais da UPP. Hoje em dia são eles, a comunidade e trabalhadores que estão vindo fazer mudanças na comunidade, de fora. Eles vêm e almoçam. Então hoje o nosso espaço é pra todos os públicos.

P/1 – E o cardápio, como é?

R – Varia. Cada dia é uma coisa, nunca é a mesma coisa. Antes a gente tinha um cardápio pra toda segunda-feira, vamos dizer, frango frito, carré e linguiça acebolada. Era toda segunda-feira. Aí na terça já era outra, na quarta outra. Hoje não. Hoje a gente já faz, vamos dizer, estrogonofe, lasanha e pernil. Aí na quarta já é outra coisa, a gente vai mudando, não vai fazendo mais a... Toda segunda-feira, a pessoa vem comer toda segunda-feira, vamos supor que só vem na segunda, toda segunda-feira era aquele cardápio. Hoje em dia a gente faz uma troca, tiveram algumas mudanças, tiveram alterações.

P/1 – E hoje? Vamos falar de hoje. Como você descreveria o Saborearte pra você hoje? O que o Saborearte significa pra você hoje?

R – Ainda hoje é uma das razões do meu viver. É minha fonte de vida, é daqui que eu tiro o dinheiro de pagar meu aluguel, minhas contas, é aqui que eu desabafo com as minhas amigas, que eu choro, que eu brinco, que eu esqueço os problemas de lá de fora. É aqui que me deixa estressada quando tem que me deixar e me “desestressa” quando eu estou estressada. Aqui é um pouquinho de cada coisa. Se eu estiver estressada, ele me acalma, se eu estiver calma, ele acaba me estressando. Um dia é diferente do outro, nunca é igual.

P/1 – E os planos do Saborearte para o futuro? O que vocês querem?

R – Expandir, ver o Saborearte crescer, mudanças.

P/1 – Que tipo de mudanças?

R – As melhores, que hoje a gente ainda não pode falar, que é segredo.

P/1 – Acho que você já chegou a comentar da importância da continuidade dos seus estudos, que você quer fazer uma faculdade de Gastronomia.

R – Isso.

P/1 – Tem outro grande sonho aí nesse...

R – Não. Meu maior sonho é esse. É o meu maior sonho. Toda mulher sonha em casar, esse sonho eu já não tenho, acho besteira. Esse negócio de véu e grinalda é muita papagaiada, eu deixo para as minhas duas sócias que têm esse sonho. Então eu vou lá ao casamento delas, como, bebo, faço a pose de madrinha linda e o resto eu deixo pra elas. Eu vejo muita gente casando hoje, separando amanhã, juram amor eterno na frente do padre ou do pastor e não levam à frente. Então prefiro não jurar amor eterno e ver no que vai dar, se durar pra sempre, amém, se não durar a gente arruma outro, outro vem.

P/1 – E como você acha que o Saborearte vai te ajudar alcançar esses planos?

R – Hoje? Só com as mudanças que a gente tá pra fazer. Hoje eu não posso te responder isso. Se eu fosse te responder hoje, eu te diria que o Saborearte não pode me ajudar em nada, mas com as mudanças futuras, eu creio que o Saborearte vai me ajudar e muito. Primeiramente, na financeira, porque pra fazer faculdade de Gastronomia você tem que ter dinheiro. Então hoje eu não poderia te responder, se eu te respondesse hoje, o Saborearte não pode me ajudar em nada. Não me dá tempo, não me dá verba, não me deixa nenhuma opção, não.

P/1 – Mas por que você insiste e mantém essa garra toda?

R – Por que eu insisto? Tá aí, eu vou te responder o que eu respondi pra Elisângela hoje de manhã. Enquanto tiver esperança, tem solução, enquanto tiver entrando, seja uma pessoa aqui dentro, eu estarei lutando pra trazer outras pessoas, o dia que não entrar mais ninguém, eu sei que não tá dando certo, que a melhor opção é fechar. Então enquanto isso tudo estiver acontecendo, estiver entrando dinheiro, está dando pra fazer o que a gente tá fazendo até hoje, e conseguindo as melhorias primeiramente, eu vou tentar, porque eu acho que desistir é para os fracos.

P/1 – E pra gente finalizar, o que você achou dessa experiência de contar pra gente a sua história, de estar aí falando um pouquinho de você?

R – A verdade? Bom e ruim ao mesmo tempo.

P/1 – Por que bom e ruim?

R – Bom porque falar da minha mãe, ou melhor, da minha mãe, do Saborearte e da minha amiga, me faz bem. E o ruim porque eu detesto essa câmera olhando pra mim. Mas fora isso, bom.

P/1 – Ah, que bom que a parte ruim foi só essa.

R – A pior parte. É que eu não sou muito fã, não.

P/1 – Tem alguma coisa que você gostaria de dizer pra gente sobre você?

R – Não. Acho que mais nada.

P/1 – Resuma você um pouco. Como você se resumiria?

R – Como eu me resumiria? Eita! Estressada, amiga, minhas amigas dizem que eu sou antissocial, mas eu não acredito não, gente. Falo com todo mundo, brinco com todo mundo, odeio falsidade, guerreira, compreensiva, maluca de vez em quando, acho que só.

P/1 – Então tá. Eu agradeço demais a sua participação, a sua entrevista. E é isso.

R – Quem agradece sou eu.